

[NÃO FICÇÃO][NÃO FICÇÃO][NÃO FICÇÃO]

Nietzsche e a estética wagneriana

Filósofo analisa ambicioso projeto do compositor de instaurar uma nova era trágica

Wagner em Bayreuth, de
Friedrich Nietzsche. Tradução de
Anna Hartmann Cavalcanti. Jorge
Zahar Editor, 180 pgs. R\$ 34,90

Renato Nunes Bittencourt

Com a publicação de "Wagner em Bayreuth", de Friedrich Nietzsche, na competente tradução de Anna Hartmann Cavalcanti — que assina ainda esclarecedora introdução — podemos partilhar da visão que Nietzsche tinha de Wagner, como artista e homem. Se em "O nascimento da tragédia" Nietzsche pretendia defender a tese de que a ópera wagneriana seria a ressurreição da tragédia grega e do espírito trágico, "Wagner em Bayreuth" é uma espécie de continuidade do projeto estético de instauração de uma nova era trágica. Nietzsche faz do compositor o novo Êsquilo, considerado justamente o dramaturgo mais fiel à pulsão dionisíaca encarnada pelos pensadores pré-socráticos.

Ao proclamar Wagner como o sucessor moderno dos antigos gregos, Nietzsche sofreria o desprezo do mundo acadêmico do filisteísmo cultural alemão, que, manifestada numa filologia retrógrada, não

aceitava nada que destoasse dos empoados textos antigos. No entanto, a causa da arte trágica estava acima das contingências eruditas e de sua obtusidade de olhar.

Wagner, aos olhos de Nietzsche, representa a glorificação da vida de artista, e o Teatro de Bayreuth é o templo sagrado onde a sociedade de gênios pode finalmente expressar adequadamente o seu potencial criativo, pois o espírito estético que anima o portentoso teatro é livre de toda influência estranha ao mundo da arte. Se outrora o gênio se submetia ao Estado e aos mecenas para obter os seus favores e sustento, em Bayreuth, o Estado e a sociedade se inclinam diante do poder transfigurador do drama musical, conduzido pelo grande artista.

Nietzsche realiza no ensaio uma espécie de "psicologia do gênio", analisando de que modo se tornou possível a concretização do ambicioso projeto wagneriano, compreendendo assim o processo de autossuperação pessoal que o compositor expe-

rimentou no decorrer de sua vida, para alcançar então o merecido momento de reconhecimento cultural. Comentando a idealização do projeto do Teatro de Bayreuth e várias das óperas de Wagner, Nietzsche investiga os caminhos pelos quais o compositor cria a sua arte inovadora e a si mesmo.

O Festival de Bayreuth, a benção das armas antes da batalha,

é a celebração da existência e a exaltação da casta dos gênios, fraternalmente unificada em torno da divina causa comum, a afirmação de uma arte possível de ser co-mungada pela classe artística. Suas atividades são direcionadas para a apoteose dos gênios e das suas obras, e não para o deleite de um público ruidoso. A criação wagneriana manifesta um caráter poderosamente pedagógico, pois requer a educação de um público esteta, capaz de apreciar a obra de arte sem intrometer nessa experiência estética elementos que violam a dignidade da fruição.

Posteriormente, Nietzsche afirmaria que, ao enaltecer a ge-

nialidade e o projeto artístico de Wagner, em verdade estava falando de si mesmo, das suas expectativas sobre a possibilidade de a cultura alemã oitocentista fazer renascer o antigo espírito trágico dos gregos. "Wagner em Bayreuth" é talvez a culminação de uma intensa relação de amizade entre o filósofo e o compositor, abalada por vicissitudes pessoais e divergências estéticas, que fariam Nietzsche rever suas esperanças no papel vanguardista de Wagner como restaurador da cultura trágica dos gregos.

Todavia, apesar da posterior decepção de Nietzsche em relação ao compositor, o âmago de seu objetivo filosófico, a formulação de uma visão de mundo trágica permaneceria com toda a intensidade ao longo de sua trajetória intelectual, justificando assim a ideia de que tal ensaio e o próprio nome de Wagner nada mais eram que máscaras utilizadas como suporte para o seu extemporâneo projeto filosófico de transformação de nossa decadente civilização ocidental por via da experiência dionisíaca. ■



RENATO NUNES BITTENCOURT é doutorando em filosofia da UFRJ